

**UM GESTO ARQUIVÍSTICO, O ENCONTRO COM UMA DOCÊNCIA JULGADA:  
INDÍCIOS DE UM *ETHOS* DOCENTE NO DISCURSO ACADÊMICO-CIENTÍFICO  
BRASILEIRO**

Oliveira, Glaurea Nádia Borges de, Universidade Estadual de Campinas, [glaurea@unicamp.br](mailto:glaurea@unicamp.br)

**Resumo**

Este trabalho constitui-se como um recorte de um projeto de pesquisa que tem buscado compreender o *ethos* docente produzido pelo discurso acadêmico-científico da Educação Física brasileira no século XXI. Ao interpelar esse discurso, a partir da noção foucaultiana de arquivo, o projeto busca inventariar um conjunto de ideias e enunciados por meio do qual se criam, legitimam, autorizam e interditam formas de ser professor nesse domínio disciplinar. O corpus documental da pesquisa abrange artigos publicados entre os anos de 2001 e 2024, em periódicos nacionais da área da Educação Física, e seu gesto metodológico compreende três operações: a) eleição, ordenamento e composição das fontes; b) decomposição e processamento dos enunciados; c) recomposição-invenção arquivística. No recorte efetuado, apresentam-se resultados preliminares decorrentes das duas primeiras operações metodológicas e das análises efetuadas a partir de dois dos periódicos integrantes do corpus, veiculados entre os anos de 2011 e 2023. Essas análises iniciais se dedicaram à criação de um dispositivo de catalogação dos enunciados relacionados à problemática investigativa, denominado Repositório de Excertos, e à compreensão de uma das categorias que dele emergiram, concernente aos modos como a discursividade da área endereça-se à docência e ao sujeito que a exerce. Tais resultados sugerem que essa discursividade tem narrado, inventado e subjetivado a docência sob uma racionalidade predominantemente judicativa, que a toma como objeto de valoração e prescrição, operando com enunciações que pouco ou nada titubeiam ao ajuizar suas ações e asseverar o que lhe cabe.

**Palavras-chave:** Docência, Professor de Educação Física, Discurso Científico, Arquivo

## Introdução

Na transição entre os séculos XX e XXI, a docência, entendida como uma profissão e, mais especificamente, uma função social cuja legitimação é ressignificada pela modernidade, tem sido projetada por uma ordem de ambivalências. Por um lado, nela se depositam as ambições contemporâneas de progresso, reparação e mudança. Por outro, com ela se forja um imaginário em que se amalgamam as marcas da desvalorização – circunstanciada pelas condições histórico-políticas em que a docência se produz como trabalho – e da culpabilização – delineada pelas imputações que lhe recaem ante o (suposto) desempenho insuficiente daqueles que se encontram em processo de escolarização, sobretudo quando esse desempenho é aferido por parâmetros avaliativos universalizantes e homogeneizadores (Aquino, 2014; Gabriel & Martins, 2022; Fanizzi, 2023).

Entre clamores vocacionais e trabalhistas, entre odes de enaltecimento e recriminação, entre aspirações que ascendem a uma posição tão enobrecida quanto rechaçada, a imagem contemporânea da docência é, ainda, investida pelo capitalismo cognitivo, que, concebendo-a sob o slogan das competências, da inovação, das aprendizagens incessantes e flexíveis, tem corroído o caráter público de seu encargo (Larrosa, 2019; Fanizzi, 2023). Nesse quadro multifacetado, pode-se dizer que a docência é paradoxalmente (re)inventada.

Além das representações partilhadas que lhe conferem existência, a docência é também um ofício que se distingue e se especializa de acordo com os saberes disciplinares, entre os quais nos interessam aqueles que a circunscrevem ao campo da Educação Física. Desde sua virada político-epistemológica, empreendida na década de 1980 e designada como um movimento renovador (Bracht, 1999), a Educação Física brasileira vem borrando o retrato antes muito cristalino de uma docência cuja missão residiria na busca da aptidão física dos alunos, vinculada às demandas advindas quer do esporte competitivo, quer do mundo do trabalho. Com tal inflexão, passam a grassar na área linhas profusas de uma docência que ora se ocupa de uma pedagogia não excludente, ora fomenta a leitura crítica das práticas corporais, ora atua de forma recreativa, ora promove o desenvolvimento integral das crianças, ora se atenta ao progresso das habilidades motoras, ora se move pelos marcadores culturais que categorizam e marginalizam os sujeitos escolarizados, ora anuncia e persegue as benesses de uma vida fisicamente ativa. Linhas que, afinal, urdem uma série de atributos não convergentes, que sem embargo tenham se desvinculado do paradigma da aptidão

física, não foram capazes de apagá-lo por completo e, outrossim, se embatem e se confundem em tessituras dissonantes (Nunes & Boscariol, 2023).

Situado no interior dessa arena de significações, e epistemologicamente ancorado em um referencial pós-estruturalista, particularmente no pensamento foucaultiano, o presente estudo comprehende a docência como um conjunto de posições de sujeito-professor fabricadas, autenticadas e disputadas por forças históricas contingentes, que dão forma a um território formativo e profissional, investindo as experiências daqueles que o habitam e facultando-lhes a construção de modos de discernir e ajuizar a si mesmos. O discurso acadêmico-científico, por sua vez, é concebido como uma das forças que atuam nesse processo, ao criar, contestar, ressoar e sancionar formas de ser-agir que delineiam a docência.

As noções de subjetivação (Foucault, 1995, 2017) e arquivo (Foucault, 2016) são os operadores conceituais que respaldam essa compreensão. Enquanto a subjetivação da docência diz respeito aos modos como o sujeito-professor e seu ofício aparecem enquanto objeto de nexos de saber-poder, ou de jogos de verdade que circunscrevem o ser e o lugar de sua existência, a noção de arquivo permite-nos reconhecer no discurso acadêmico-científico um aparato veridictivo no qual se objetivam tais nexos.

Este trabalho constitui um recorte de um projeto de pesquisa em andamento<sup>1</sup> que, com base nos pressupostos anunciados, toma a docência da Educação Física como foco de análise e interroga o modo como ela tem sido produzida pelo discurso acadêmico-científico brasileiro do primeiro quadrante do século XXI. Ao interpelar esse discurso, seu propósito é inventariar um conjunto de ideias e enunciados por meio do qual se criam, legitimam, autorizam e interditam formas de ser professor nesse domínio disciplinar. No recorte aqui efetuado, apresentam-se resultados preliminares decorrentes de análises que inicialmente se dedicaram à criação de um dispositivo de catalogação voltado ao registro, à organização e à construção de possibilidades de interpretação dos enunciados relacionados à problemática investigativa e, posteriormente, avançaram para a compreensão de uma das categorias que dele emergiram, elaborada a partir das potencialidades analíticas abertas por esse dispositivo, especialmente no que concerne aos modos como a discursividade da área endereça-se à docência e ao sujeito que a exerce.

---

<sup>1</sup> Sob o título “Inventa(ria)ndo a docência na Educação Física: o *ethos* de um ofício produzido pela discursividade acadêmico-científica brasileira do século XXI”, o projeto foi iniciado em 2024 e tem duração prevista de quatro anos.

## Um gesto arquivístico

A tarefa analítica empreendida por esta pesquisa consiste em tomar a discursividade acadêmico-científica da Educação Física como um aparato veridictivo-subjetivador da docência, o que implica operar metodologicamente com ferramentas que assumem a arbitrariedade das relações entre conhecimento e verdade. Para encarar essa tarefa, em consonância com o referencial que conceitualmente o ampara, o estudo debruça-se sobre suas fontes documentais – artigos publicados em periódicos brasileiros da área – mediante um procedimento arquivístico, ou seja, um procedimento que comprehende tais fontes como um arquivo (Aquino & Val, 2018).

A potencialidade da noção de arquivo para os afazeres investigativos do campo educacional tem sido aventada pelos trabalhos de Aquino (2023a, 2023b) e seus colaboradores (Aquino & Val, 2018; Munhoz & Aquino, 2020; Aquino, Vieira, & Val, 2023). De partida, Aquino (2023a, 2023b) esclarece que uma das premissas do *approach* arquivístico, de inspiração foucaultiana, é a de que, nele, as dimensões teórica e empírica do ato de pesquisar não se diferenciam. Isto é, opera-se teoricamente a partir da ideia de arquivo ao mesmo tempo em que se opera empiricamente com/sobre um arquivo. Com Foucault, o arquivo não coincide – como no uso que dele faz a arquivologia, por exemplo – com o conjunto de documentos preservados por uma sociedade como salvaguarda e recurso de rememoração de seu passado. Em *A Arqueologia do Saber*, o filósofo afirma que

o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares. . . . O arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. . . . Ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados (Foucault, 2016, pp. 158-159).

Daí ser possível reconhecer no discurso acadêmico-científico da Educação Física um sistema que rege o surgimento de enunciados acerca da docência, fazendo-a aparecer de forma múltipla, por meio de acontecimentos discursivos que facultam tanto a subsistência quanto a transformação dos contornos desse ofício, dessa função social. E, em sua produtividade veridictiva, esse sistema corresponderia a um enquadramento contingente dos saberes constituídos pelo campo,

admitindo-se “. . . tais saberes como suportes de práticas específicas, bem como dos modos de subjetivação a elas conexos” (Aquino & Val, 2018, p. 49).

Aquino (2023a, 2023b) propõe, ainda, que o conceito de arquivo seja encadeado segundo três estratos interdependentes: o arquivo enquanto sistema movente de regras discursivas; o arquivo como registro das marcas documentais dispostas nos aparatos disponíveis; o arquivo como resultado de um labor perquiridor singular, como fruto de uma empreita de construção e reconstrução discursivas efetuada com as fontes escolhidas para essa finalidade.

O primeiro estrato coaduna com a definição de arquivo formulada por Foucault (2016) em *A Arqueologia do Saber*, a qual nos abre caminho para encarar a produção acadêmico-científica da área como materialização das disputas em torno do monopólio de determinados nexos veridictivos acerca do ser-fazer da docência. Desde que concebida e manuseada como um arquivo, essa produção enseja que dela se desentranhem as racionalidades que delineiam o *ethos* docente da Educação Física e que, por conseguinte, subjetivam a docência nesse território disciplinar.

O segundo estrato traduz-se pelo conjunto das coisas ditas em um dado espaço-tempo histórico e cultural, pelos vestígios escriturais tangíveis assentados nos artefatos documentais existentes, tais como “acervos, bibliotecas, museus e, mais recentemente, a própria Internet” (Aquino, 2023a, p. 3). Nesta pesquisa, esse estrato corresponde às bases digitais que abrigam os periódicos brasileiros da Educação Física. E posto que não é possível acessar um arquivo em sua completude – pois o arquivo, longe de significar a totalidade dos textos de um domínio de saber ou de uma época, é sempre circunstancial e instável, a depender das intenções e incisões de quem o maneja –, a delimitação do nosso corpus arquivístico iniciou-se a partir dos seguintes critérios: artigos veiculados entre os anos 2001 e 2024, em periódicos com publicações ativas e disponíveis em meio eletrônico, vinculados a alguma instituição universitária ou entidade científica e que contemplam a subárea sociocultural e pedagógica<sup>2</sup>. Com esses parâmetros, o corpus da pesquisa foi constituído pelos periódicos listados a seguir:

- Revista Movimento, publicada pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

<sup>2</sup> No Brasil, a produção de conhecimentos na Educação Física divide-se em duas subáreas: a Sociocultural e Pedagógica, que trata da Educação Física a partir de referenciais das Ciências Sociais e Humanas, e a Biodinâmica, que se fundamenta nas Ciências Biológicas e da Saúde.

- Revista Brasileira de Ciências do Esporte, publicada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
- Revista Pensar a Prática, publicada pela Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás
- Revista Motrivivência, publicada pelo Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina
- Revista Motriz, publicada pelo Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista
- Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, publicada pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
- Revista Conexões, publicada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
- Revista Brasileira de Ciência e Movimento, publicada pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul e pela Universidade Católica de Brasília
- *Journal of Physical Education*, publicado pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá

A escolha dos periódicos como fonte do estudo se dá pelo reconhecimento de que neles reside um registro documental representativo de uma produção mais geral, pois ao menos parte do material difundido em dissertações, teses, livros e anais de eventos tende a também circular nos periódicos (Bracht et al., 2011; Aquino & Ribeiro, 2022)

E porquanto não há arquivos sem um trabalho que os componha, o terceiro estrato que designa a noção aqui mobilizada remete aos procedimentos que afinal dão vida a um determinado arquivo: o arquivo como efeito de um gesto assinalado por uma disposição problematizadora, combinatória, experimentadora e transcriadora (Aquino, 2023b), que se afasta dos modelos investigativos protocolares e da busca por universais explicativos que descansariam incólumes nos documentos. Assim, na esteira das proposições de Aquino (2023a, 2023b), Aquino e Val (2018), Aquino, Vieira e Val (2023) e Munhoz e Aquino (2020), o estudo percorre um caminho metodológico pautado por três operações: a) eleição, ordenamento e composição das fontes; b) decomposição e processamento dos enunciados; c) recomposição-invenção arquivística. Os

resultados apresentados neste trabalho correspondem às análises decorrentes das duas primeiras operações metodológicas, uma vez que a terceira ainda não foi alcançada.

A primeira operação, que compreende a seleção dos artigos nos sites dos periódicos, foi concluída em seis dos nove periódicos definidos, considerando publicações até o ano de 2023. Para a finalização da composição do corpus arquivístico, ainda restam a Revista Conexões, a Revista Brasileira de Ciência e Movimento e o *Journal of Physical Education*, além da atualização da seleção para incluir o ano de 2024. A procura foi empreendida consultando-se inicialmente os sumários das edições publicadas no intervalo temporal delimitado e os resumos dos artigos cujos títulos evidenciavam uma aproximação com a Educação Física escolar. O pressuposto desse critério inicial de busca é o de que a docência é de algum modo enunciada em pesquisas e debates que versam sobre o seu contexto institucional, isto é, a escola. Uma vez identificada essa aproximação, foram selecionados os artigos nos quais se verificou a presença dos termos docência, docente(s), professor(a) e/ou professores(as). A catalogação desse material foi organizada em planilhas contendo o título, o(s) autor(es), o periódico, o ano de publicação e o link de acesso de cada um dos artigos.

A decomposição e processamento dos enunciados, correspondente à segunda operação metodológica, tem sido efetivada a partir da leitura, na íntegra, dos artigos eleitos, ocasião em que o material passa, também, por uma segunda filtragem. Esse encontro entre o pesquisador e a discursividade acionada por suas fontes, por meio da leitura minuciosa, é uma atitude fulcral no trabalho arquivístico. Em tal processo, busca-se, de um lado, reconstituir “[...] as rationalidades responsáveis por definir os regimes de dizibilidade” (Aquino & Val, 2018, p. 50) que emolduram e sustentam a docência da Educação Física, e, de outro, dar vazão às intensidades latentes nessas mesmas rationalidades, as quais, na condição de “pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias” (Aquino & Val, 2018, p. 50), podem ser capazes de dissuadir e fazer desviar os nexos veridictivos-subjetivadores de um *ethos* docente. Disso sucede “[...] uma perscrutação de cunho serial e outra [de cunho] acontecimental” (Aquino & Val, 2018, p. 50), empreendidas em sincronia, sob a bússola do mote problematizador da pesquisa: o que dizem os textos em tela sobre/com/para a docência, sobre/com/para o professor de Educação Física? Como dizem? Eis os questionamentos com que temos incidido o olhar sobre as fontes, um olhar sempre alerta ao fato de que as perguntas feitas a princípio podem ser respondidas de muitas e diferentes maneiras; podem, inclusive, ser

retorcidas, embaralhadas, multiplicadas, metamorfoseadas no confronto com o arquivo e com suas forças insuspeitas.

Os enunciados que de alguma forma repercutem as interrogações direcionadas aos textos são extraídos de suas fontes enunciativas originais e realocados em um Repositório de Excertos, cuja construção tem feito emergir as primeiras categorizações e problematizações acerca dos modos como o discurso acadêmico-científico contemporâneo produz a docência da Educação Física. Os fragmentos discursivos aí armazenados são identificados quanto à sua autoria e quanto ao seu contexto de veiculação (nome do periódico, número/volume da edição e data de publicação).

A última e precípua operação analítica do estudo, denominada recomposição-invenção arquivística, consistirá em uma estratégia de remontagem transcriadora dos enunciados, de forma a fazê-los performar, num substrato textual de caráter *inventarial* (Aquino, 2023a, 2023b), figuras e atributos da docência na Educação Física contemporânea. Conquanto tal operação ainda não tenha sido efetuada, a elaboração do Repositório de Excertos, que também se configura como um movimento de criação, tem nos permitido vislumbrar aspectos potenciais para a composição *inventarial* que tencionamos produzir.

### **Indícios de um *ethos* docente no discurso acadêmico-científico brasileiro**

A leitura das fontes textuais, quando realizada no âmbito de uma pesquisa arquivística, aciona um duplo movimento analítico-problematizador, respaldado pelo pressuposto epistemológico de que os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2016, p. 60) e que, portanto, tanto a sua produção quanto a sua interpelação constituem um ato criador de realidades, e não um mero recurso de nomeação, reconhecimento e expressão de algo que os precede. Assim, é da leitura dos artigos selecionados neste estudo que, por um lado, decorrem os elementos enunciativos que remetem à problemática investigativa e, por outro, delineia-se, pela força da própria textualidade acessada, um arranjo móvel, sempre suscetível a modificações, no interior do qual esses elementos são dispostos e combinados.

A construção desse arranjo, ao qual denominamos Repositório de Excertos, representa, portanto, um resultado e, ao mesmo tempo, um instrumento do gesto arquivístico empreendido por esta pesquisa. Trata-se de um resultado porque o Repositório se origina desse gesto, não existia

antes dele e só se tornou possível por meio dele. Trata-se de um instrumento porque, uma vez constituído, passa a facultar a categorização – ainda que instável e provisória – dos enunciados, criando condições para que se entrevejam suas possíveis rationalidades e, outrossim, para a continuidade do próprio gesto arquivístico.

A seguir, os dados apresentados sob o título *Desmontando um campo discursivo* correspondem à emergência do Repositório, resultante da operação de decomposição e processamento dos enunciados. Já no tópico posterior, intitulado *A docência da Educação Física em julgamento – entre ausências e necessidades*, detalham-se alguns dos elementos de uma das categorias criadas no Repositório, referente aos modos, até então identificados, pelos quais o discurso acadêmico-científico da Educação Física endereça-se à docência e aos sujeitos desse ofício.

### ***Desmontando um campo discursivo***

No decorrer do primeiro ano de desenvolvimento da pesquisa, foram lidos e examinados 312 artigos da Revista Movimento e 187 artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, publicados entre os anos de 2011 e 2023. O princípio do processo analítico voltou-se para todas as formas de enunciação que evocavam a docência e/ou o sujeito-professor. À medida que a leitura provocou nossa imersão no campo discursivo constituído pelas fontes e que os enunciados foram sendo extraídos dos artigos e inicialmente dispostos de maneira não categorizada, tornou-se possível visualizar singularidades, distinções, aproximações e reiterações que, paulatinamente, geraram as primeiras formas de organização desses enunciados.

Nesse processo, foram criadas, experimentadas, discutidas, repensadas e reelaboradas diferentes formas de sistematização dos enunciados no Repositório de Excertos, até chegarmos a uma categorização em que cada enunciado é catalogado segundo quem fala (voz), como fala (modo de endereçamento) e sobre o que fala (teor). A matriz do Repositório de Excertos, construída a partir dessa categorização, encontra-se explicitada no Quadro 1.

Quadro 1: Matriz do Repositório de Excertos

Periódico/ano: _____ Artigo nº _____				
Referência	Referencial teórico-metodológico		Tipologia do texto	
Excerto (enunciado)	Voz	Modo de endereçamento	Teor	Observações
1				
2				
3				

Fonte: Autoria da pesquisa

A referência completa de cada artigo, o seu referencial teórico-metodológico e a classificação da sua tipologia equivalem a informações de caracterização mais objetiva. O referencial teórico-metodológico é descrito no Repositório em conformidade com o que indicam os autores dos trabalhos (ex.: materialismo histórico-dialético; teoria do desenvolvimento profissional docente etc.). Quando o artigo não explicita ou não define seu referencial, utiliza-se a sigla ND. Já a tipologia do texto refere-se à natureza do trabalho acadêmico-científico desenvolvido e abrange as seguintes classificações, com siglas correspondentes: estudo realizado na escola (EE), escuta de professores (EP), escuta de alunos (EA), escuta de sujeitos da formação (ESF), análise de documentos curriculares (ADC), revisões bibliográficas (REV), ensaios e/ou reflexões teóricas (ERT), outros (O).

Ao adentrarmos a textualidade do discurso acadêmico-científico e nos movermos a partir de suas linhas e reverberações, uma das primeiras coisas que compreendemos é que suas enunciações sobre a docência e o sujeito que a exerce são provenientes de diferentes instâncias, o que nos levou à elaboração da categoria “Voz”, que concerne à origem dessas enunciações e se subdivide nas classificações descritas no Quadro 2.

Quadro 2: Categoria Voz – catalogação de enunciados no Repositório de Excertos

VOZ (quem fala?)		
Classificação	Origem enunciativa	Sigla
AUTORIA DO TEXTO	Autor(es) do artigo	AUT
DISCURSO ACADÊMICO-CIENTÍFICO	Outros autores, por meio de citações diretas e indiretas	DAC
DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	Professor/a de Educação Física, <i>por meio de citação DIRETA</i> (transcrições de narrativas docentes)	DEF-D
	Professor/a de Educação Física, <i>por meio de citação INDIRETA</i> (o texto se remete ao docente. Ex.: como afirma o professor X...)	DEF-I
	Professor/a de Educação Física, cuja voz é <i>EXTRAÍDA DE OUTRO TEXTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO</i>	DEF-C
FORÇAS DA CENA ESCOLAR	Outros sujeitos da escola que não sejam professores de Educação Física (exemplos: alunos, docentes de outras disciplinas, coordenadores pedagógicos, diretores, familiares etc.)	FCE
DOCÊNCIA FORMADORA	Professores que atuam na formação superior	DF
FUTURA DOCÊNCIA	Discentes em formação inicial, em cursos de Educação Física	FD
OUTRAS VOZES	Vozes/posições que não se enquadram nas categorias anteriores	OV

Fonte: Autoria da pesquisa

A categoria “Modos de endereçamento” emergiu da percepção de que o discurso acadêmico-científico da Educação Física, ao tratar das condutas, dos fazeres, dos atributos e das próprias condições de existência da docência, o faz por meio de determinadas atitudes enunciativas. Ao longo do primeiro ano de pesquisa, temos concentrado nossas atenções nessa categoria, por entrevermos nela uma estratégia substancial a partir da qual esse discurso forja um *ethos* docente. A classificação dos modos de endereçamento até então identificados encontra-se explicitada no Quadro 3.

Quadro 3: Categoria Modos de endereçamento – catalogação de enunciados no Repositório de Excertos

**MODO DE ENDEREÇAMENTO (como se fala?)**

**MODOS JUDICATIVOS**

<b>Classificação</b>	<b>Atitude enunciativa</b>	<b>Sigla</b>
DENUNCIANTE DE AUSÊNCIAS	Acusa a docência/o professor em relação àquilo que lhe falta	AUS
NECESSITARISTA	Determina à docência/ao professor aquilo que ela/ele deve/precisa/necessita ser e/ou fazer	NEC
ACUSATÓRIO	Atribui características negativas à docência/ao professor	ACS
ENALTECEDOR	Atribui características positivas à docência/ao professor	ENA
INDULGENTE	Pondera, justifica, atenua os atributos conferidos à docência/ao professor	IND
CAUSA-CONSEQUÊNCIA	Com CONVICÇÃO: evoca assertivamente uma relação de causa e consequência (a formação continuada desenvolve competências docentes...)	CC-C
	Como POSSIBILIDADE: evoca algo como possível consequência de outro elemento (ex.: a formação continuada pode ser um caminho para o desenvolvimento de competências docentes...)	CC-P

**MODO NÃO JUDICATIVO**

<b>Classificação</b>	<b>Atitude enunciativa</b>	<b>Sigla</b>
DESCRITIVO-INTERPRETATIVO	Descreve características da docência/do docente, sem uma atitude de julgamento	DI

Fonte: Autoria da pesquisa

As incursões analíticas já realizadas nos permitiram depreender que, entre as atitudes enunciativas, prevalece uma postura de julgamento da docência, imprimindo contornos ao que nomeamos como uma racionalidade judicativa. Algumas das enunciações que lhe dão vida serão exemplificadas na última parte deste trabalho.

O modo *descritivo-interpretativo* é a manifestação de uma única e exígua atitude enunciativa que se limita a relatar, sem ajuizamentos, características da docência/do docente. Além disso, começa a se delinear um tipo de enunciação materializada em textos que abrem espaço para

a voz do próprio professor. Ao voltar-se para si e para suas ações, essa voz tem se manifestado, sobretudo, por meio de uma espécie de insatisfação, recriminação, angústia ou, de forma mais rara, com nuances de autovalorização e contentamento. Tais enunciados serão ainda explorados em etapas posteriores da pesquisa e, por ora, os temos compreendido como *endereçamentos do eu*, provisoriamente chamados de *padecimento do eu docente*, no primeiro caso, e *exaltação do eu docente*, no segundo.

Por fim, nos enunciados direcionados à docência da Educação Física não assomam somente determinadas atitudes enunciativas, mas, junto delas, um objeto temático é sempre suscitado. Temos entendido esse objeto como o teor dos enunciados ou, mais precisamente, como o teor que complementa e integra os modos de endereçamento com que se enuncia a docência. Daí a criação da categoria “Teor”, ainda não subdividida em classificações e até então registrada no Repositório de Excertos com sínteses descritivas elaboradas a partir dos próprios enunciados selecionados. Essa classificação já começou a ser desenvolvida na pesquisa, e alguns elementos têm despontado como recorrentes, tais como formação, inclusão e conhecimento dos professores.

O Quadro 4 apresenta um exemplo que permite visualizar a inserção e a categorização de um enunciado no Repositório de Excertos, considerando-se a Voz, o Modo de endereçamento e o Teor a ele relacionados.

Quadro 4: Exemplo de catalogação de um enunciado no Repositório de Excertos

Referência		Referencial teórico-metodológico	Tipologia do texto	
SIMÕES, Anaíl Suassuna Simões. A Educação Física e o trabalho educativo inclusivo. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 35-48, jan./mar. de 2018. Disponível em: <a href="https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/73009/47792">https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/73009/47792</a>		Materialismo histórico-dialético e pedagogia histórico-critica	ADC EE EP	
Exerto (enunciado)	Voz	Modo de endereçamento	Teor	Observações
1 A apropriação da realidade social e, sobretudo, a construção de novas referências, se dará de maneira distinta para cada estudante ao elaborar seu pensamento sobre o conhecimento estudado, apresentando ou não uma deficiencia e o professor deverá estar atento para isso, respeitando os seus limites e possibilidades (p. 37-38).	AT	NEC	[Necessidade de] atenção [do docente] aos diferentes modos como os estudantes se apropriam do conhecimento.	-

Fonte: Autoria da pesquisa

## *A docência da Educação Física em julgamento – entre ausências e necessidades*

O processo que implicou a leitura de um primeiro montante de artigos constituinte do corpus, a seleção/decomposição de enunciados e a construção do Repositório de Excertos sugere a predominância de uma racionalidade judicativa nas formas como o discurso acadêmico-científico da Educação Física brasileira mobiliza a docência e os sujeitos que a encarnam. Essa racionalidade tem sido vislumbrada a partir de um conjunto de categorizações que expressam distintas e intercambiáveis atitudes enunciativas, consubstanciadas pelas vozes que atravessam esse discurso. Encaminhando-nos para o desfecho do recorte que aqui propusemos desenvolver, apresentamos, então, a exemplificação de duas dessas atitudes enunciativas, que, no acionamento da discursividade em questão, deram vida a modos de endereçamento cujo julgamento da docência se ampara no apontamento de uma ausência – modo *denunciante de ausências* – ou no imperativo de uma necessidade – modo *necessitarista*.

Nós nos questionamos sobre em que medida acontece a referida inserção, já que *há professores que não têm ao menos conhecimento da existência da Lei nº 10.639/03* [ênfase nossa] ao passo que já se contabilizam dez anos de sua assinatura. Soma-se a isto o descaso da gestão pública, que não constrói as condições para o desenvolvimento dessa política, restringindo-a apenas a um simples informe. (Pires & Souza, 2015, p. 201)

*Sentimos falta dos questionamentos, por parte da professora* [ênfase nossa], com os Estudantes 1, 2 e 3, em relação aos conteúdos que estavam sendo sistematizados, tanto durante as práticas corporais, quanto durante a síntese final que visava verificar se o objetivo foi atingido ou não. Verificamos que nas Aulas 2, 3, 6, 7, 8, 9 o objetivo foi parcialmente atingido e os conteúdos foram apenas vivenciados, não sendo experimentados, compreendidos, explicados pelos discentes. (Simões et al., 2018, p. 41)

Não obstante, nos raros discursos críticos, *chama a atenção a curta experiência profissional na Educação Básica* [ênfase nossa]. De uma forma geral, os colaboradores alinhados a uma posição crítica da área não apresentaram histórico de atuação docente na escola. É o próprio docente que tece a crítica acerca das limitações que *a falta de experiência no “chão da escola”* [ênfase nossa] pode trazer para quem trabalha nas disciplinas pedagógicas. (Vieira & Neira, 2016, p. 788)

*No que diz respeito à formação dos professores de Educação Física para a Educação em Saúde, ainda existem lacunas que deem conta do preparo mais próximo do contexto social dos estudantes* [ênfase nossa]. A disciplina, desde seus primeiros currículos em escolas

superiores brasileiras, enfatiza os aspectos biológicos associados à saúde e tende a negligenciar os diálogos pautados nas Ciências Humanas e Sociais. (Malacarne & Rocha, 2023, p. 2)

O modo *denunciante de ausências*, manifesto nos excertos acima, se perfaz pela invocação de uma falta. Falta à docência conhecer a existência de uma lei, questionar seus estudantes, ter uma longa experiência no chão da escola, ser devidamente formada para a Educação em saúde... entre tantas outras coisas, das mais distintas ordens, que, por não estarem lá – naquele ser, naquele agir, naquele pensar, naquele corpo designado como professor de Educação Física –, convertem-se em objeto de uma acusação bastante específica<sup>3</sup>, que não apenas imputa, com maior ou menor tenacidade, uma imperfeição, mas que a delimita a partir da inexistência de algo que haveria, inevitavelmente, de existir. Não à toa, por vezes identificamos alguns enunciados nos quais o modo *denunciante de ausências* se articula ao modo *necessitarista*, como neste exemplo, que dá passagem à voz do próprio discurso do campo, mencionando o trabalho de um outro autor:

Em uma de suas pesquisas, Neira (2014, p. 68) questiona: “Se os estágios não promovem uma aproximação qualificada [ênfase nossa] e baseada na reflexão sobre a realidade, como evitar que o egresso entre em choque?”, e afirma que os egressos de licenciatura em EF não têm os conhecimentos mínimos necessários [ênfase nossa]. para compreender a atual realidade educacional e intervir coletiva e criticamente (Bisconsini & Oliveira, 2018, pp. 460-461)

O modo *necessitarista*, por sua vez, tem suas próprias nuances, corporificando-se em enunciações que preceituam à docência aquilo que ela precisa fazer, conhecer, as posturas que deve assumir, aquilo que lhe é, afinal, indispensável.

Retomando a concepção de Educação Física como uma “ciência da ação” e a condição do professor como “sujeito criador da atividade pedagógica” que, para tal, *precisa conhecer e organizar pedagogicamente os significados das atividades da cultura corporal* [ênfase nossa], comprehende-se que uma proposição dos objetos de ensino da Educação Física não seja uma tarefa apenas dos pesquisadores, mas, também, *uma ação indispensável da prática pedagógica do professor* [ênfase nossa]. (Nascimento, 2018, p. 686)

---

<sup>3</sup> É essa especificidade que nos levou a diferenciar a denúncia de ausências das acusações mais genéricas que identificamos e classificamos como um outro modo de endereçamento, o *acusatório*.

O docente que faz uso do modelo do Sport Education *precisa estar muito envolvido com tal proposta* [ênfase nossa], caso contrário, o trabalho não produz resultados satisfatórios. (Vargas et al., 2018, p. 74)

*Todo professor de crianças pequenas precisa fazer esse esforço* [ênfase nossa] e se permitir vivenciar e compartilhar a fantasia, esse impossível que se torna possível no mundo da criança. (Simon & Kunz, 2014, p. 391)

Nesse sentido, é necessário, para a materialização de um projeto crítico, que a escola e os professores assumam posição política [ênfase nossa] que coloque o aluno como sujeito de sua formação, como ser histórico que constrói sua própria história, “superando” a proposição formativa alimentada pelo ENEM, pautada no desenvolvimento de competências exigidas no mercado de trabalho, que, consequentemente, negligencia o ser histórico. (Beltrão, 2014, pp. 835-836)

A palavra “necessitarista”, embora não figure nos dicionários de língua portuguesa, é aqui tomada de empréstimo de Alfredo Veiga-Neto (2012) – um dos precursores do debate pós-estruturalista no campo educacional brasileiro –, que, em um de seus textos, dela faz uso para problematizar os entendimentos filosóficos metafísicos por ele denominados “entendimentos necessitaristas”, segundo os quais os acontecimentos e as experiências seriam sempre movidos por uma ordem universal que lhes antecede, lhes é superior e, enfim, lhes transcende. Ao reterritorializarmos essa terminologia no contexto deste estudo, a partir do mesmo registro epistemológico no qual se situam as problematizações de Veiga-Neto, assumimos que a necessidade decretada à docência pelo discurso acadêmico-científico da Educação Física é, além de uma necessidade literal e moralmente valorada, uma necessidade universal – da perspectiva de quem a anuncia – cuja determinação advém da exterioridade e da anterioridade de uma ordem que atua como uma espécie de motor da docência. Nos entendimentos filosóficos *necessitaristas* questionados pelo autor, variam os nomes conferidos a uma espécie de ordem primeira que funciona como um motor da história ocidental: “ora é Deus, a Providência, a Economia, a Luta de Classes, a Seleção Natural; ora é alguma combinação entre essas entidades” (Veiga-Neto, 2012, p. 277). Em face dos endereçamentos *necessitaristas* com que nos deparamos na Educação Física, caber-nos-ia, então, perguntar: qual seria essa ordem primeira, que funcionaria como motor de sobredeterminação da docência? Ainda que não tenhamos essa resposta, é essa anterioridade, essa exterioridade, bem como essa pretensão de universalidade, que nos levam a conferir às necessidades impostas à docência o caráter de um endereçamento judicativo, pois, em última

instância, trata-se de uma ordem que transcende a própria docência, que decide, resolve, como um árbitro, o que lhe é preciso para que seja/performe um arquétipo pedagógico apropriado.

Assim como as ausências denunciadas, as necessidades decretadas abundam quanto aos seus teores. Ambas as atitudes enunciativas igualmente evidenciam modelos de docência diversos e em disputa na Educação Física. O que nos interessa, contudo, não é defender ou refutar quaisquer desses modelos, e sim chamar a atenção para o fato de que suas estratégias – e não o seu conteúdo – de subjetivação, ao menos quando ativadas no discurso acadêmico-científico, parecem ser muito próximas.

## Considerações finais

Este trabalho transitoriamente se encerra com a constatação fundamental de que nossas análises permanecem incipientes. Resta-nos percorrer um extenso corpus de artigos, percurso que certamente nos fará avançar no horizonte de nossas intenções analíticas e, ao mesmo tempo, nos colocará diante da instabilidade de nossos critérios classificatórios.

O que aqui apresentamos são – como o próprio título do texto anuncia – apenas indícios, resultantes dos primeiros passos da dimensão serial de nossa perscrutação arquivística. Embora ainda não nos permitam traçar o *ethos* docente produzido pelo discurso acadêmico-científico da Educação Física brasileira no primeiro quarto deste século, esses indícios nos sugerem uma hipótese: a de que esse discurso tem, de forma preponderante, narrado, inventado e subjetivado a docência como um objeto de valoração e prescrição, operando com enunciações que pouco ou nada titubeiam ao julgar suas ações e asseverar o que lhe cabe. São indícios que começam a reconstituir uma das “racionalidades responsáveis por definir os regimes de dizibilidade” (Aquino & Val, 2018, p. 50) que enquadram e estejam a docência da Educação Física nesse discurso, mas que, por ora, não elucidam essas rationalidades e tampouco são capazes de dar vazão aos pontos de inflexão que as fazem desviar – e que também muito nos interessam.

## Referências

- Aquino, J. G. (2014). *Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: Uma plataforma para o ethos docente*. Cortez.
- Aquino, J. G. (2023a). O labor do arquivo como plataforma para a pesquisa qualitativa em educação. *New Trends in Qualitative Research*, 17, e838. <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/838/873>
- Aquino, J. G. (2023b). Modos outros de endereçamento ao arquivo: Inventários, listas etc. In S. T. Muchail et al. (Orgs.), *Michel Foucault: Devir do pensamento e multiplicação de práticas* (pp. 145-162). Pontes Editores.
- Aquino, J. G., & Ribeiro, C. R. (2022). O cuidado de si na pesquisa educacional: Uma noção-problema. *Educação e Filosofia*, 36(78), 1533–1601. <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/66204>
- Aquino, J. G., & Val, G. M. do. (2018). Uma ideia de arquivo: Contributos para a pesquisa educacional. *Pedagogía y Saberes*, 49, 41-53. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-24942018000200041&lng=en&nrm=iso&tlang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-24942018000200041&lng=en&nrm=iso&tlang=pt)
- Aquino, J. G., Vieira, E., & Val, G. M. do. (2023). Pesquisar arquivos, habitar o arquivo: O caso da obra *A desordem das famílias*. *Pro-Posições*, 34, e20220070. <https://www.scielo.br/j/pp/a/PZfm4KQqGbHJLhKzyHn4DJb/?lang=pt>
- Beltrão, J. A. (2014). A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. *Movimento*, 20(2), 819-840. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41801>
- Bisconsini, C. R., & Oliveira, A. A. B. de. (2018). A prática como componente curricular na formação inicial de professores de Educação Física. *Movimento*, 24(2), 455-470. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.76705>
- Bracht, V. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cadernos CEDES*, 19(48), 69-88. <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>

Bracht, V., Faria, B. de A., Almeida, F. Q. de, Ghidetti, F. F., Gomes, I. M., Rocha, M. C., Machado, T. da S., Almeida, U. R., & Moraes, C. E. A. (2011). A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. *Movimento*, 17(2), 11-34. <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19280>

Fanizzi, C. (2023). *O sofrimento docente: Apenas aqueles que agem podem também sofrer. Contexto.*

Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In P. Rabinow & H. Dreyfus (Orgs.), *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Forense Universitária.

Foucault, M. (2016). *A arqueologia do saber* (8<sup>a</sup> ed.). Forense Universitária.

Foucault, M. (2017). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (4<sup>a</sup> ed.). Paz e Terra.

Gabriel, C. T., & Martins, M. L. B. (2022). Docência: Entre processos de objetivação e subjetivação de sujeitos e conhecimentos. *Educar em Revista*, 38, e88204. <https://www.scielo.br/j/er/a/NXLMVhQf87ywNYcx3th3SRF/>

Larrosa, J. (2019). *Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor*. Autêntica.

Malacarne, J. A. D., & Rocha, M. B. (2023). Educação física escolar e a educação em saúde: Uma análise em dissertações e teses brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 45, e009622. <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e009622>

Munhoz, A. V., & Aquino, J. G. (2020). Arquivar, classificar, inventariar: O corpo dísparo da/ná pesquisa educacional. In S. M. Corazza (Org.), *Métodos de transcrição: Pesquisa em educação da diferença* (pp. 37-58). Oikos.

Nascimento, C. P. (2018). Os significados das atividades da cultura corporal e os objetos de ensino da Educação Física. *Movimento*, 24(2), 677-690. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77157>

Nunes, M. L. F., & Boscariol, M. C. (2023). O currículo da Educação Física e a dispersão de seus discursos pedagógicos. *Cadernos de Pesquisa*, 53, e09993. <https://www.scielo.br/j/cp/a/MWwBksPW5xBqT8zksvtZZnG/>

Pires, J. V. L., & Souza, M. da S. (2015). Educação Física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: Análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. *Movimento*, 21(1), 193-204. <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/55522>

Simões, A. S., Lorenzini, A. R., Gavioli, R., Caminha, I. de O., Souza Júnior, M. B. M. de, & Melo, M. S. T. de. (2018). A educação física e o trabalho educativo inclusivo. *Movimento*, 24(1), 35-48. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.73009>

Simon, H. S., & Kunz, E. (2014). O brincar como diálogo/pergunta e não como resposta à prática pedagógica. *Movimento*, 20(1), 375-394. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.39749>

Vargas, T. G. de, Morisso, M. M., González, F. J., & Sawitzki, R. L. (2018). A experiência do *Sport Education* nas aulas de Educação Física: Utilizando o modelo de ensino em uma unidade didática de futsal. *Movimento*, 24(3), 735-748. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.79628>

Veiga-Neto, A. (2012). É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, 17(50), 267-282. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200002>

Vieira, R. A. G., & Neira, M. G. (2016). Identidade docente no ensino superior de Educação Física: aspectos epistemológicos e substantivos da mercantilização educacional. *Movimento*, 22(3), 783-794. <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/67218>